

Turismo e pobreza na Era da “Favela Global”

Recebido: 09.12.16

Aprovado: 02.03.17

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Touring poverty*. Londres: Routledge, 2013.

Ana Clara Telles*

* Doutoranda do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio), Rio de Janeiro (RJ), Brasil, e bolsista de doutorado da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). <anaclara.telles@hotmail.com>.

No imaginário político e social dos nossos tempos, assim como na cultura popular e de massa, as favelas têm sido tradicionalmente concebidas em termos negativos. Elas materializam a alteridade das cidades funcionais, que devem supostamente operar em ritmo ordenado e virtuoso. São imaginadas como espaços de desarranjo, caos e precariedade, onde a miséria e a violência coexistem com a improvisação para a sobrevivência. Ao redor do mundo, as favelas ganham outros nomes: são *banlieues*, *ghettos*, *poblaciones* ou *slums*, lugares classificados como “distritos selvagens”, “zonas sem lei”, “áreas proibidas” de se frequentar (Wacquant, 2008: 1). Em outras palavras, as favelas constituem a margem ou as fronteiras da cidade; são espaços não integrados e de ausências (Leite, 2015). Não à toa, com o passar dos anos, as favelas se tornam mais e mais territórios catalizadores de diferentes iniciativas de gerenciamento, sistematização e normalização que partem da ideia de que há um problema a ser solucionado.

Como se insere, nesse contexto, fenômeno tão peculiar como o turismo em favelas? Se, por um lado, favelas são vistas como espaços condenados, onde a violência e a pobreza florescem, por outro, são lugares que despertam um olhar curioso e interessado. De acordo com a UN-Habitat (2013), as favelas também devem ser vistas como lugares “de esperança”, oportunidade, desenvolvimento e progresso. Nas palavras da própria agência,

slums have become increasingly socially cohesive, offering opportunities for security of tenure, local economic development and improvement of incomes among the poor (UN-Habitat, 2013: xxvi).

No cinema, na literatura e em outros espaços de construção estética, diferentes retratos das favelas como lugares igualmente miseráveis e efervescentes contribuem para que elas ocupem posição central na agenda de políticos e de acadêmicos. A crescente representação dual das favelas favorece a emergência de iniciativas de-

votadas a captar o potencial desses espaços para o crescimento e a transformação, incluindo o incentivo ao turismo.

Touring poverty, de Bianca Freire-Medeiros, parte da reflexão sobre o “turismo de pobreza” em escala global para desvendar as distintas facetas que compõem os *tours* em favelas ao redor do mundo. Ao conciliar um minucioso esforço etnográfico a uma leitura sociológica sobre as representações, interpretações e subjetividades que rondam as *favela tours*, Freire-Medeiros busca tornar mais complexos os intensos debates éticos e políticos que acompanham a prática do turismo em favelas. Mais especificamente, a autora tem como objetivo entender quais são as condições de possibilidade para a emergência da favela como local turístico na perspectiva de administradores públicos, lideranças locais, empreendedores e turistas, passando por uma análise pertinente das narrativas globais que permeiam a fabricação de opiniões, conceitos, emoções e sensibilidades sobre o que é e para onde deve ir a favela do século XXI.

É o turismo de (ou em) favelas necessariamente antiético? O que pensam os moradores das favelas em relação aos gringos, suas câmeras e seu comportamento? Quais são as expectativas dos turistas – sobretudo, os turistas do Norte global – que atravessam oceanos para experimentar a “realidade” das favelas urbanas? E como se fabrica essa mesma realidade negociada entre guias turísticos, artesãos locais e visitantes? Bianca Freire-Medeiros situa o fenômeno das *favela tours* como criação do século XXI que, mesmo se remete a similaridades em relação às práticas de *slumming* dos séculos passados, é imaginada e fabricada a partir de narrativas modernas de “comodificação” da pobreza e de fabricação do autêntico. Por um lado, o turismo de favela é um produto das narrativas globalizadas que, entre outros conceitos, (re)criam a própria noção de “favela global”. Não à toa, Freire-Medeiros escolhe estudar, especificamente, o fenômeno das *favela tours* em cidades como Cidade do Cabo, Johannesburgo, Mumbai e Rio de Janeiro, onde atua a narrativa da emergência, do desenvolvimento e(m) progresso, que cria o conceito da cidade global em ascensão¹. Como argumenta Saskia Sassen (2011), “*global slums are the other side of many global cities, especially in the Global South*”. Nesse quadro, o livro é um estudo, necessariamente, sobre o que existe de global (e globalmente desigual) no fenômeno pretensamente local do turismo em favelas ao redor do mundo.

1. Não por coincidência, são quatro grandes cidades dos países Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), classificação que na última década catalisou as narrativas e representações sobre “potências globais emergentes” na política internacional.

Por outro lado, o fenômeno social do turismo em favelas também é interpretado pela autora a partir da intensificação da obsessão moderna pela busca pelo autêntico e pelo real, traduzido na popularização do fenômeno dos *reality tours*, ou turismo de realidade. Nas favelas do século XXI, a “comodificação” da pobreza – que dá origem à fetichização do consumo de símbolos relacionados à favela e sua cons-

trução como marca (ou *trademark*) de significado comercial próprio – interage com o que Alan Badiou (apud Freire-Medeiros, 2013: 27) chama de “paixão pelo real”, ou a busca incessante pela realidade (e consequente negação da falsificação e da imitação). Nesse encontro, constroem-se entendimentos específicos sobre o que constitui o Sul global e como verdadeiramente experimentá-lo, tornando invisíveis, não raramente, as dinâmicas de hierarquia, desigualdade e governança que atuam na criação de significados sobre ele.

A escolha por diferentes abordagens metodológicas – do relato autoetnográfico à melhor análise sociológica sobre as microrrelações de poder no contexto das *favela tours*, ambos frutos de extenso trabalho de campo – reforça a tentativa bem-sucedida da autora de oferecer distintos olhares sobre o fenômeno que estuda, distanciando-se da opinião enclausurada e certa de si que permeia boa parte dos discursos acadêmicos e midiáticos sobre o tema. Chama atenção, em específico, o estudo atento sobre o olhar (*gaze*), com foco nas análises das representações cinematográficas sobre a(s) favela(s) em âmbito global – que não deixam de praticar, incentivar e fabricar um olhar específico sobre elas – e da estética do(s) retrato(s) que turistas, guias, moradores, empreendedores, administradores públicos e pesquisadores fabricam sobre a e da favela (retratos literais, como no caso das fotografias tiradas pelos visitantes, ou simbólicos, como no caso dos *souvenirs* que eles mesmo compram). E também ganha destaque a maneira como a autora costura uma interpretação respeitosa sobre as distintas personagens que compõem o estudo a uma análise crítica robusta sobre as narrativas e as representações permanentemente (re)construídas pela interação entre os diversos atores que compõem o plano político das *favela tours*.

Por fim, ao se distanciar das discussões que condenam o “turismo de favela” – como a fetichização da pobreza ou a exaltação da mesma como iniciativa fundamental de fortalecimento econômico e simbólico das comunidades envolvidas –, a autora procura oferecer um “olhar sobre o olhar” qualificado e reflexivo, que não pretende dar resposta definitiva a um debate tão plural e complexo, mas revelar suas distintas camadas, suas dinâmicas próprias e suas múltiplas janelas de interpretação.

Referências

LEITE, Márcia Pereira. De territórios da pobreza a territórios de negócios: dispositivos de gestão das favelas cariocas em contextos de “pacificação”. In: Birman, P.; Leite, M.; Machado, C.; Carneiro, S. (Eds.). *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

SASSEN, Saskia. The Global City and the Global Slum. *Forbes Megacities*, 2011. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/megacities/2011/03/22/the-global-city-and-the-global-slum/>>. Acesso em: 11 Set. 2016.

UN-HABITAT. *The challenge of slums: global report on human settlements*, 2013. Disponível em: <<http://mirror.unhabitat.org/pmss/listItemDetails.aspx?publicationID=1156>> Acesso em: 11 Set. 2016.

WACQUANT, Loïc. *Urban outcasts: a comparative sociology of advanced marginality*. Cambridge: Polity Press, 2008.

